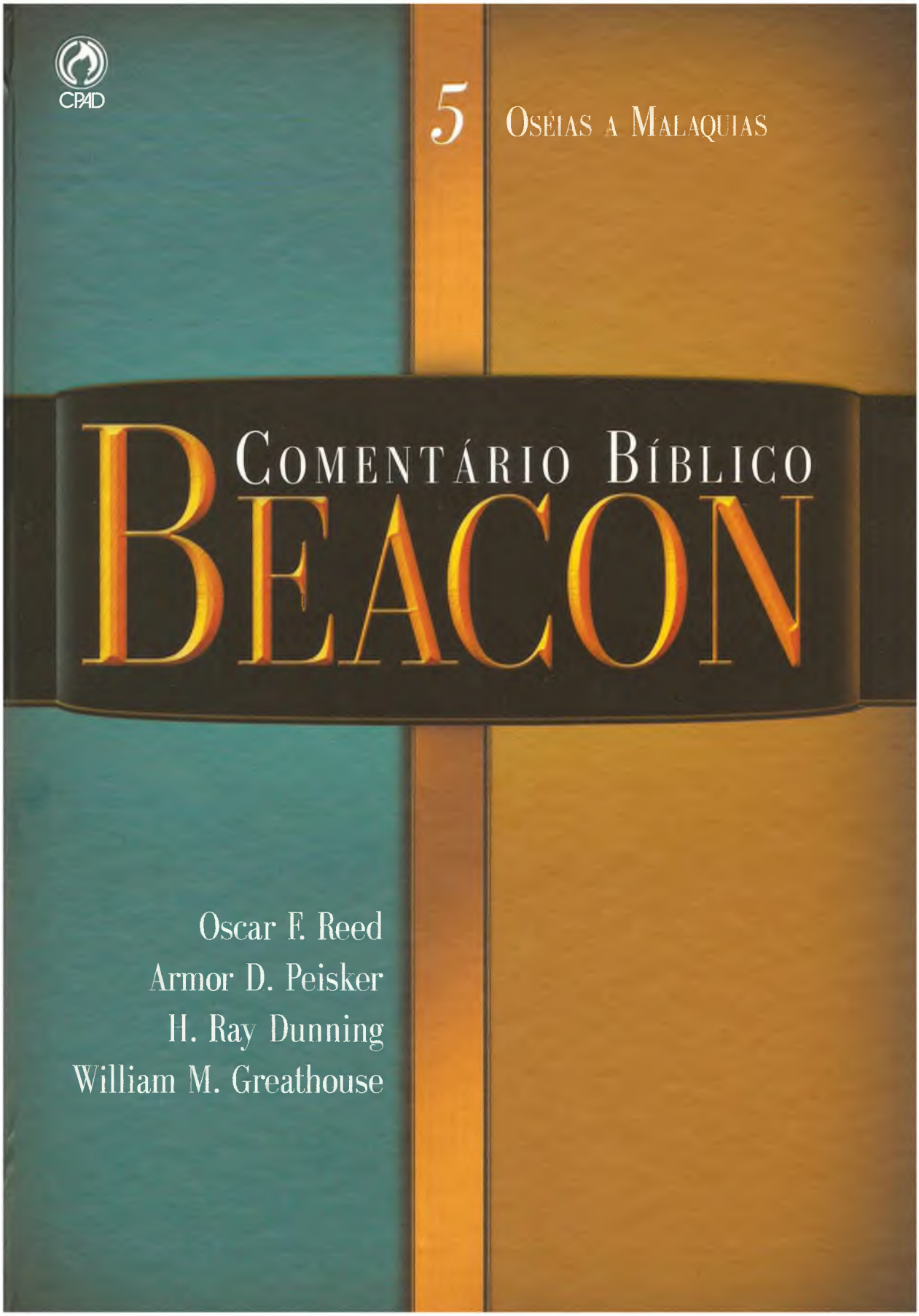
CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
BEACON
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5

O Livro de
JOEL

Oscar F. Reed

Introdução

A. O Nome e a Situação Histórica

O nome Joel (hb., *Yoel*) significa "Jeová é Deus". Com toda a probabilidade, Joel foi judeu natural do Reino de Judá e habitante de Jerusalém. Embora não haja provas, supõe-se que era sacerdote ou, pelo menos, um "profeta ligado ao templo".[1]

O contexto histórico da profecia foi uma época de pânico nacional em face das devastações de uma praga de gafanhotos sem paralelo na história. Na opinião do profeta, a praga era uma advertência solene de julgamento vindouro no "dia de Jeová", que é a idéia central do livro de Joel.

B. A Data da Composição

A data da profecia é questão de muita discussão entre os estudiosos da Bíblia. Levando em conta que há poucas ou nenhuma evidência externa, temos de tirar nossas conclusões do próprio texto. Joel não data sua profecia de acordo com o governo de um determinado rei, como fazem Oséias, Amós, Isaías e outros; nem faz alusão específica a situações históricas que nos ajudam a estipular uma data.

É nitidamente claro que Joel cita ou é mencionado por outros profetas. Se for colocada em uma data anterior e Joel for o original, a profecia torna-se fonte de pensamentos sementeiros para muitos outros profetas. Se o livro foi escrito em data posterior, Joel se torna o resumo de grande parte do que foi expresso antes dele.[2]

A. F. Kirkpatrick faz excelente defesa da posição conservadora que data Joel em cerca de 830 a.C., durante a minoridade do rei Joás e a regência de Jeoiada, o sumo sacerdote. Tal intérprete baseia-se nos seguintes argumentos.[3]

1) A posição do livro entre Oséias e Amós indica que a tradição judaica o considerava antigo. A posição no cânon é forte evidência de data anterior.

2) Há nítida evidência de "cópia" entre Amós e Joel (cf. Jl 3.18 e Am 9.13; note que Jl 3.16 é usado como texto por Amós no começo de sua profecia). Se Amós cita Joel, como parece, a profecia deve ser mais antiga que 755 a.C.

3) O método de governo implícito em Joel concorda com o tipo de regência de Jeoiada. Considerando que não há menção a rei, são os sacerdotes e anciões que têm de cumprir a "responsabilidade de liderança nacional".[4] O texto de 2 Reis 11.4 ressalta que Joás tinha sete anos quando foi coroado, e que seu tio, o sumo sacerdote, "exerceu influência governável em Judá até o dia em que morreu".[5]

4) Os inimigos de Judá são nações identificáveis em uma data anterior. Não são mencionados os assírios, os caldeus e os persas. As nações que desempenham seus papéis no drama representado por Joel são os filisteus, edomitas, egípcios e fenícios. Claro que na época da escrita do livro a Assíria e a Babilônia não eram nações perigosas; caso contrário Joel as teria mencionado. O Egito e nações menores ameaçavam Judá. Este fato indicaria uma data anterior e não posterior.[6] Archer conclui que as evidências internas pertinentes à composição da profecia concordam mais com um período em torno de

835 a.C. do que com qualquer outra data. Além destes argumentos resumidos, ele acrescenta: "As evidências lingüísticas concordam perfeitamente com esta data anterior, e tornam a teoria da composição pós-exílica bastante insustentável. É justo afirmar que os argumentos a favor de uma data avançada estão amplamente baseados na suposição filosófica humanística e não na dedução racional dos dados do próprio texto".[7]

C. As Idéias Centrais

O ensino de Joel gira em torno do "dia de Jeová". Nesse dia, durante certa conjuntura perigosa, o Senhor manifesta seu poder e majestade na destruição dos inimigos e na libertação daqueles que nele confiam. Sua abordagem é marcada por grandes calamidades e fenômenos extraordinários na esfera da Natureza. O caráter do dia, se é de terror ou de bênção, dependerá da atitude do coração e da vida do indivíduo em relação a Jeová.[8]

Outro ensino principal acha-se no derramamento do Espírito Santo. Em nenhuma outra parte do Antigo Testamento encontramos uma promessa tão abrangente cujo cumprimento significasse o cumprimento das palavras de Moisés: "Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11.29). O Dia de Pentecostes marcou o início deste cumprimento. Desde então, tem se cumprido com abundância cada vez maior.

Joel nada fala sobre a pessoa do Messias. Na conjuntura final, é o próprio Jeová que interfere, quando julga as nações e liberta os judeus.

Por causa do destaque nos aspectos externos da religião,[9] Joel é censurado por desprezar "o mais importante da lei". Mas não é verdade que não mostrou interesse pelas exigências morais, pois prometeu libertação não apenas sobre as observâncias externas, mas também com base na "tristeza segundo Deus [que] opera arrependimento para a salvação".[10]

Quando o estudante de Joel transcender o "particularismo nacional" do profeta, verá a mensagem permanente do livro que causou tamanha influência no Novo Testamento. Sob a revelação divina, Joel é capaz de sustentar um equilíbrio entre os elementos externos e internos da religião. Deus se revela pelo seu Espírito como também pela Natureza. O texto profético dá a devida consideração à adoração formal e reputa o arrependimento e a fé (que são características interiores) como obrigações primárias do homem. Embora a promessa messiânica indique a limpeza do ambiente externo, a tônica central de Joel é a presença de Deus no meio de seu povo obediente e fiel. A contribuição mais significativa do profeta acha-se na promessa do derramamento do Espírito de Deus sobre todos os crentes. "No cumprimento desta promessa, a mais verdadeira experiência cristã do Senhor desde o Pentecostes é principalmente espiritual e pessoal e não formal e sacerdotal".[11]

Esboço

I. **A Praga de Gafanhotos e o Dia de Jeová**, 1.1—2.11

A. Título, 1.1
B. A Devastação Causada pelos Gafanhotos, 1.2-7
C. A Invasão como Tipo, 1.8-20
D. O Dia de Jeová, 2.1-11

II. **O Clamor de Joel ao Arrependimento**, 2.12-19

A. A Súplica ao Arrependimento, 2.12-14
B. A Extensão do Arrependimento, 2.15-17
C. A Promessa de Misericórdia, 2.18,19

III. **A Esperança de Bênçãos Futuras**, 2.20-32

A. A Destruição de "Aquele que é do Norte", 2.20
B. A Restauração das Bênçãos Espirituais e Terrenas, 2.21-27
C. A Vinda do Espírito Santo, 2.28-32

IV. **O Dia de Jeová**, 3.1-21

A. O Julgamento dos Incrédulos, 3.1-17
B. O Triunfo para Jerusalém e os Remidos, 3.18-21

SEÇÃO I

A PRAGA DE GAFANHOTOS E O DIA DE JEOVÁ

Joel 1.1—2.11

A. TÍTULO, 1.1

Esta é outra ocasião em que Joel começa com uma referência à fonte divina de sua profecia: Era a **palavra do SENHOR que foi dirigida a Joel** (1). Joel (*Yahu* ou *Yahweh* é Deus) era **filho de Petuel** (ou "Betuel", LXX). O significado do nome do pai é "franqueza" ou "sinceridade de Deus". Tudo o mais relacionado com a vida de Joel é conjectura baseada nas evidências internas do próprio texto.[1]

B. A DEVASTAÇÃO CAUSADA PELOS GAFANHOTOS, 1.2-7

Ao servir-se do discurso direto, Joel ganha a atenção dos ouvintes. **Ouvi isto, vós, anciãos, e escutai, todos os moradores da terra** (2). O evento histórico é desconhecido e não há paralelo nas gerações precedentes. Por isso, o profeta espera uma resposta negativa às perguntas: **Aconteceu isto em vossos dias? Ou também nos dias de vossos pais?** Em seguida, dá a ordem para que a história não caia no esquecimento! Seus ouvintes tinham de contar a catástrofe aos **filhos** (3), netos e bisnetos. O profeta se dirigia aos **moradores da terra** (Jerusalém e Judá; cf. 14; 2.1).

A opinião geral é que a praga era real e não simbólica. As pessoas que observaram os hábitos e atividade destrutiva dos gafanhotos vêem na descrição de Joel um quadro preciso da ocasião em que o profeta usa para proclamar sua mensagem.

O quarto versículo faz uma descrição dos gafanhotos:

"O que ficou do *gazam*, o comeu o *arbeh*,
e o que ficou do *arbeh*, o comeu o *jelek*,
e o que ficou do *jelek*, o comeu o *chasel*".[2]

Das nove palavras hebraicas encontradas no Antigo Testamento usadas para referir-se a **gafanhoto**, quatro ocorrem neste versículo: *gazam*, que significa "gafanhoto cortador"; *arbeh*, "gafanhoto infestante"; *jelek* ou *yeleq*, "gafanhoto saltador" e *chasel* ou *hasil*, "gafanhoto destruidor". Estes nomes não representam quatro espécies de gafanhotos, mas são provavelmente quatro fases da vida do gafanhoto. A língua árabe tem um nome para cada uma das seis formas de vida do gafanhoto.[3]

A maioria dos livros e comentários recorre à praga de gafanhotos de 1915, ocorrida em Jerusalém, para fazer uma descrição vívida do que deve ter acontecido nos dias de Joel.

> Antes de os gafanhotos chegarem, as pessoas ouviram um barulho alto produzido pelo agitar de miríades de asas, semelhante ao ribombo distante das ondas (cf. Ap 9.9). De repente, o sol escureceu. Os seus excrementos, semelhantes aos dos ratos, caíam como chuva grossa e forte. Às vezes, eles se elevavam a dezenas de metros; outras vezes, voavam bastante baixo, alguns dos quais pousavam. "Pelo menos em Jerusalém", disse o Sr. Whiting, "eles vinham sempre do nordeste e iam em direção sudoeste, a fim de estabelecer a precisão do relato de Joel em 2.20." Toneladas de gafanhotos foram capturados e enterrados vivos; muitos foram lançados em poços ou no mar Mediterrâneo, e quando as ondas os traziam à praia, eram juntados, secos e usados como combustível em banhos turcos. [...]
>
> O Sr. Aaronsohn, outra testemunha da praga de 1915, afirma que em menos de dois meses depois que apareceram, os gafanhotos tinham devorado toda folha verde e descascado os troncos das árvores, os quais ficaram brancos e sem vida, como esqueletos. Os campos, diz ele, foram pelados até ao solo. Até os bebês árabes deixados por suas mães à sombra de alguma árvore, tiveram o rosto devorado antes que os gritos fossem ouvidos. Os nativos aceitaram a praga como julgamento justo por causa de sua maldade.[4]

Joel interpreta a calamidade como julgamento de Deus e conclama Judá ao arrependimento. O profeta chama à sobriedade os **ébrios** e **todos os que** bebem **vinho** (5) para que compreendam a significação do castigo divino. É provável que o preço do vinho tenha subido astronomicamente como ocorre em tempos de pragas que pelam as videiras. Por conseguinte, não admira que os bebedores gemessem por **mosto** ("vinho novo", ECA; NTLH; NVI), ou porque inexistia ou porque não estava financeiramente ao seu alcance.

A profecia apresenta os gafanhotos como **nação** (6) **poderosa**, inumerável e com **dentes de leão**. A expressão **tem queixadas de um leão velho** é traduzida por "suas presas são de leoa" (NVI; cf. NTLH). Os gafanhotos destruíram as figueiras e videiras, e deixaram somente os troncos descascados e as trepadeiras. Até as cascas das árvores foram retalhadas, de forma que o dano não ficou limitado a um único ano.

C. A INVASÃO COMO TIPO, 1.8-20

Agora, o chamado é endereçado a toda a nação, que tem de chorar e lamentar **como a virgem que está cingida de pano de saco pelo marido** (o noivo) **da sua mocidade** (8; cf. Is 54.6). Assim que a mulher ficava noiva, seu noivo tornava-se conhecido como seu marido (Dt 22.23,24; Mt 1.19). **Pano de saco** era sinal de luto e dor.

Foi cortada a oferta de manjar e a libação (9), porque a fonte do **trigo**, do **mosto** ("vinho novo", ECA; NVI) e do **óleo** (10) foi destruída. Por isso, **os sacerdotes, servos do SENHOR, estão entristecidos**. Ao considerar que o sacrifício é impossível, há uma "suspensão prática da relação-concerto – um sinal de que Deus rejeitara seu povo". [5] A descrição da desolação prossegue nos versículos 11 e 12. Os **lavradores** (11) são "agricultores" (NVI), "fazendeiros" (BV) ou aqueles "que trabalham nos campos" (NTLH). Até a **romeira**, a **palmeira** e a **macieira** secaram. "Por isso toda a alegria murchou no coração dos homens" (12, BV).

Agora surgem as implicações éticas da profecia. Há um chamado aos **sacerdotes**, os **ministros do altar** (13), para que dia e noite façam súplicas na presença do Senhor. Eles, por sua vez, devem conclamar os **anciãos e todos os moradores desta terra** ao arrependimento na **Casa do SENHOR, vosso Deus** (14). As ordens são: **Santificai um jejum**, quer dizer, estipulem um tempo de jejum como culto de oração ao Senhor na ausência dos sacrifícios matinais e vespertinos.[6]

No versículo 15, Joel apresenta a idéia central do livro: o dia de Jeová. **Ah! Aquele dia! Porque o dia do SENHOR está perto e virá como uma assolação do Todo-poderoso**. Junto com Amós, Joel interpreta esse dia em seu contexto atual como tempo de julgamento em Israel.[7]

"O 'dia do Senhor' é tão iminente que não há tempo para mais nada, exceto fazer as pessoas sentirem que a mão do Senhor está sobre elas, que esta calamidade é um ato de Deus que exige arrependimento e uma volta a Ele, de quem tinham se esquecido".[8]

Esse dia virá como a devastação dos gafanhotos – *Yom Yehovah* é o grande dia de Jeová, o **Todo-poderoso**, que destruirá tudo que se levanta contra Ele.

Jeová é o Senhor de tudo e expressa sua justiça mediante eventos da Natureza. Então, seria de se esperar que os versículos 16 a 18 descrevessem estes eventos como expressão do descontentamento divino.[9] As palavras **diante de nossos olhos** (16) indicam que as pessoas testemunharam a calamidade. Sentiram-se tão impotentes em face do violento ataque que suspendeu os sacrifícios no Templo, que lhes acabaram **a alegria e o regozijo**.[10]

A semente apodreceu debaixo dos seus torrões (17, ou seja, "no solo", BV), e "os celeiros estão em ruínas, os depósitos de cereal foram derrubados" (NVI). A terra pastoril acabou, de forma que o **gado** (18) foi forçado a andar de um lado para o outro, em busca de água e pasto (1 Rs 18.5). Até as **ovelhas** e cabras sofreram, embora precisassem pouco em comparação ao gado.

O primeiro capítulo se encerra com um clamor do coração do profeta pela ajuda do **SENHOR** (19). Visto que a Natureza e os **animais** (20) padecem, Joel brada ao Senhor que pode ajudar ambos (Sl 36.6). **Fogo** e **chama** (19) são usados para indicar o calor ardente da seca ocasionada pela praga de gafanhotos.[11]

O capítulo 1 oferece a oportunidade de entendermos as condições para o arrependimento nacional: 1) O inevitável julgamento de Deus sobre a nação por causa de suas transgressões, 1.15ss; 3) O chamado à oração, jejum e arrependimento pelos pecados da nação, 1.14; 3) A fonte de libertação está em Deus somente, 1.19a.

D. O Dia de Jeová, 2.1-11

Robinson acredita que Joel deve ter autenticado o termo **o dia do SENHOR** (1).[12] Por ser uma frase escatológica, a encontramos na profecia do Antigo Testamento em seus mais primitivos tempos (cf. Is 2.12; Am 5.18). "A idéia de um grande Dia de Julgamento brota tão perfeitamente de sua mão, que seus sucessores a adotaram e sequer lhe acrescentaram um toque. Foi a visitação da praga de gafanhotos que, primeiramente, sugeriu a idéia à mente de Joel."[13]

A passagem até o versículo 18 destaca repetidamente o arrependimento em face do grande e terrível dia do julgamento de Jeová (1-11). A esta tônica se junta um otimismo relativo à misericórdia e compaixão do Senhor, caso o povo se volte de todo o coração (12).

A instrução dos sacerdotes foi: **Tocai a buzina** (*shophar*) **em Sião e clamai em alta voz no monte da minha santidade** (1). **Sião** é chamada "santo monte" (1, ARA; Sl 2.6), porque ali o Senhor está no seu santuário, o Santo dos Santos. O toque da trombeta seria retransmitido a outras cidades até que **todos os moradores da terra** tremessem (ARA; ECA; NVI; cf. BV; NTLH) por causa do **dia do SENHOR** que **está perto**.

O **dia de trevas e de tristeza** (2) é alusão aos gafanhotos que escureceram a terra. Esses insetos são comparados a um **povo grande e poderoso** que a nação não tinha conhecido nem ia conhecer **pelos anos adiante, de geração em geração**.

A descrição continua sob a metáfora do **fogo** (3), cujos efeitos descritos podem ser atribuídos facilmente aos gafanhotos. O contraste da passagem da praga pinta o **jardim do Éden**, antes; e **um desolado deserto**, depois. Nada é poupado.

Joel diz que o **seu parecer é como o parecer de cavalos** (4). A cabeça do gafanhoto tem forte semelhança com a cabeça de um cavalo.[14] No versículo 5, o barulho das asas destes insetos é **como o estrondo de carros**. Eles também são comparados a um fogo voraz e crepitante, o qual, alimentado pelo vento, devora a **pragana** ("restolho", ARA; NVI; ECA; "galhos secos", NTLH), e a **um povo poderoso, ordenado para o combate**. Não admira que as pessoas tivessem ficado com medo e que **todos os rostos** fossem **como a tisnadura da panela** (6; "todos os rostos empalidecem", ARA; ECA; cf. BV; NTLH; NVI).[15]

Nos versículos 7 a 10, a profecia compara a multidão de gafanhotos a um exército altamente treinado, que infesta os muros de Jerusalém, que não se desvia nem sai de formação (7). **Ninguém apertará a seu irmão** (8) é melhor: "não empurram uns aos outros" (ARA), porque cada um segue o seu caminho. Não são detidos por **espada** ou outro armamento. W. T. Thompson descreve as vãs tentativas em controlar a praga de gafanhotos no Líbano, em 1845: "Cavamos trincheiras, acendemos fogueiras, batemos e queimamos até a morte 'montões e montões' de gafanhotos, mas os esforços foram totalmente inúteis. Ondas sobre ondas rolavam pela encosta das montanhas, e derramavam-se em cima de pedras, muros, paredes, fossos e cercas vivas; os de trás cobriam e passavam por cima das massas mortas".[16]

Os gafanhotos corriam como cavalos **pelos muros** (9). Subiam **às casas** e se esgueiravam **pelas janelas** como ladrões. Nada lhes detinha o avanço ou os controlava. A descrição de Joel: **Diante dele tremerá a terra** (10), foi confirmada na invasão de 1915, quando o exército de gafanhotos era, por vezes, tão denso que parecia que a terra se movia. O vôo dos gafanhotos escureceu o **sol** e a **lua** e fizeram as **estrelas** se esconder da visão do homem.

E o SENHOR levanta a sua voz (11). Somente tal demonstração de poder, conforme descrevem os versículos 4 a 10, seria condizente com o **dia do Senhor**. O versículo 11 é parafraseado graficamente: "O Senhor comanda esse exército com um grito. Este é o seu poderoso exército e todos obedecem as suas ordens. O dia do julgamento do Senhor é uma coisa espantosa, terrível. Quem pode agüentar tudo isso?" (BV).

A proclamação de Joel de "o dia do Senhor" sugere a seguinte exposição, de acordo com a descrição do julgamento vindouro: 1) O dia do Senhor será um dia de escuridão, 2.2; 2) O dia do Senhor será um dia de desolação, 2.3; 3) O dia do Senhor será um dia de execução da Palavra de Deus, 2.11.

SEÇÃO II

O CLAMOR DE JOEL AO ARREPENDIMENTO

Joel 2.12-19

A. A SÚPLICA AO ARREPENDIMENTO, 2.12-14

O capítulo 2.12-19 é uma chamada ao arrependimento nacional. Os filhos de Israel podem evitar o julgamento se sinceramente voltarem a Deus com arrependimento e choro.

O anúncio do dia do Senhor (11) tinha de produzir arrependimento em face do julgamento ameaçador.

A nação deveria voltar-se de **todo** o **coração**. Todos os elementos do verdadeiro arrependimento estão presentes: **jejuns**, **choro** e **pranto**. Imediatamente, o profeta equilibra as evidências externas com as palavras do versículo 13: **Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes**. A exigência primária de Deus é sempre "um coração quebrantado e contrito" (Sl 51.17). Diante de tal atitude, o Senhor responde sempre em amor: **Porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal** (13; "Ele sofre para arrepender-se do mal"[1]).

Quem sabe (14) talvez signifique que Deus se arrependerá do seu julgamento. Ter mais confiança na mudança da atitude do Senhor teria sido ofensivo à soberania divina. Uma **bênção** na forma de **oferta de manjar e libação** seria sinal de que Deus restabelecera a terra, a fim de tornar as ofertas possíveis. A restauração também seria sinal de concerto renovado.

B. A EXTENSÃO DO ARREPENDIMENTO, 2.15-17

No versículo 15, verificamos de novo a chamada a **um dia de proibição** ("uma assembléia solene", ARA). No versículo 1, a buzina ("trombeta", ARA) dá um aviso; aqui,

representa uma convocação ao arrependimento. Note que a buzina está em um contexto semelhante a 1.13,14 e que 2.15b é similar a 1.14a. Uma lista por idade dos grupos envolvidos põe em relevo a chamada de âmbito nacional ao arrependimento: os **anciãos** (16), os **filhinhos** e **os que mamam**; e até o **noivo** e a **noiva** são chamados do quarto nupcial. Ninguém é isento por idade ou posição, fato que indica a culpa de toda a nação. Todos são expostos a julgamento diante do Senhor.

No versículo 17, encontramos a fonte de uma notória figura de intercessão. Os **sacerdotes**, na função de mediadores, devem chorar **entre o alpendre e o altar**. Eles têm de ficar entre o **alpendre** ("pórtico", ARA; NVI) do templo e o **altar** do holocausto (o altar de bronze, 2 Cr 4.1, ARA; ver o diagrama B), e suplicar ao Senhor a favor do povo. Consistente com o contexto, Joel fala no versículo 17 de dominação estrangeira, mas do medo de chacota em conseqüência da calamidade nacional. A frase **para que as nações façam escárnio dele** é traduzida por "não faça de tua herança [...] um provérbio entre as nações" (VBB). O medo não era só por causa de Israel, mas que as nações pagãs expressassem dúvida sobre a existência ou o poder de Jeová com palavras escarnecedoras: **Onde está o seu Deus?**

Joel é explícito ao exigir arrependimento como condição de restauração: 1) A condição: A nação tinha de voltar de todo o coração, 2.12,13; 2) A resposta: A graça, a misericórdia e a bondade de Deus, 2.13; 3) A conclusão: A restauração da relação do concerto, 2.14.

C. A PROMESSA DE MISERICÓRDIA, 2.18,19

Em resposta à oração dos sacerdotes a favor da nação, o Senhor faz promessas para o presente e o futuro. A destruição dos gafanhotos dará previsão segura de **trigo**, **mosto** ("vinho novo", ECA; NVI) e **óleo** (19), porque o Senhor tem **zelo da sua terra** (18) e compadeceu-se **do seu povo**. Ao insulto registrado no versículo 17: "Onde está o seu Deus?", o Senhor responde no versículo 19: **E vos não entregarei mais ao opróbrio entre as nações**.

Seção III

A ESPERANÇA DE BÊNÇÃOS FUTURAS

Joel 2.20-32

A. A Destruição de "Aquele que é do Norte", 2.20

Este versículo não acha interpretação consistente entre os estudiosos da Bíblia. Diz-se respeito somente aos gafanhotos; a expressão **aquele que é do Norte** refere-se aos gafanhotos que vêm do norte (cf. NTLH), como ocorreu na praga de 1915. Keil argumenta que **aquele que é do Norte** (a palavra "exército" é acréscimo dos tradutores ao texto, cf. BV; ARA; ECA) não fornece argumento decisivo a favor de uma interpretação alegórica. Este ponto de vista é apoiado por várias autoridades contemporâneas.[1]

Na opinião de certos intérpretes, **aquele que é do Norte** é um exército humano, visto que os inimigos históricos de Israel vêem do norte. Archer e Ellicott[2] reputam que **aquele que é do Norte** deve ser alusão às hordas assírias que foram os últimos a destruir Israel (Jr 1.13 fala do exército caldeu que se espalha para o sul proveniente do lado do norte, cf. NTLH). Ellicott raciocina que a adição da sílaba patronímica à palavra hebraica indica um "nativo do Norte". Assim, ele acredita que, sob a imagem da destruição dos gafanhotos, o profeta aponta a libertação dos invasores do Norte[3] (cf. NVI).

Em todo caso, a bênção da libertação é prometida à **terra** (21), aos **animais** (22) e ao povo (23).

B. A Restauração das Bênçãos Espirituais e Terrenas, 2.21-27

O texto profético exorta a **terra** (21) a não temer, mas a se alegrar, **porque o SENHOR fez grandes coisas**. Esta promessa é seguida por outras exortações aos **animais do campo** (22) e aos **filhos de Sião** (23), que serão abençoados com **a chuva, a**

temporã e a serôdia, no primeiro mês.[4] Em conseqüência disso, os animais terão pastos verdejantes e em abundância; as árvores frutíferas e as figueiras, devoradas pelos gafanhotos, terão a bênção de dar frutos (**fruto** e **força**).

Os versículos 24 a 27 prosseguem e falam sobre a promessa das bênçãos restauradoras de Deus. A seca passou, as chuvas vieram em profusão. Tudo que fora perdido pela praga de gafanhotos será devolvido multiplicadamente aos **filhos de Sião.** A escassez será substituída por abundância, inclusive de **trigo, mosto** ("vinho novo", ECA; NVI) e **óleo** (24).

O versículo 25 destaca as mesmas quatro fases do gafanhoto mencionadas em 1.4 (ver comentários ali), embora não na mesma ordem (cf. BV; NVI). E como verificamos no versículo 11, a profecia diz que o bando de gafanhotos é o **grande exército** do Senhor, usado por Deus para julgar a nação. A promessa de restauração sugere que a praga continuou por vários anos. Mas agora as bênçãos do Senhor são dadas em resposta às orações penitenciais e **o meu povo não será envergonhado para sempre** (27; "o meu povo jamais será envergonhado [de novo]", ARA; cf. NTLH; NVI). Keil acrescenta a expressão de duração – "por toda a eternidade" –, porque Jeová, o único Deus verdadeiro, está **no meio de Israel** e **procedeu** com o seu povo **maravilhosamente** (26).

C. A VINDA DO ESPÍRITO SANTO, 2.28-32

Vemos que as maiores bênçãos colocadas diante do povo de Deus são: 1) O derramamento do Espírito de Deus sobre toda a carne; 2) O julgamento das nações; e 3) A glorificação do povo de Deus. Estas características não são mantidas estritamente em separado, mas, mesmo assim, são indicadas com clareza e relacionadas de perto umas com as outras.

Os estudantes do Novo Testamento reconhecem com facilidade os versículos 28 a 32 por ser a promessa gloriosa citada por Pedro no Dia de Pentecostes, quando este a identificou por "é o que foi dito pelo profeta Joel" (At 2.16-21).[5]

E há de ser que, depois (um dia, no futuro), **derramarei o meu Espírito sobre toda a carne** (28). Se o Senhor deu a chuva **temporã** e a **serôdia** na forma de bênçãos materiais, também estava pronto para derramar (Is 32.5; Ez 39.29) bênçãos espirituais no dom do seu Espírito. Sob este aspecto, Pedro se refere ao comentário de Joel.

Se o primeiro grande ensino em Joel é o arrependimento diante das adversidades, o segundo é o derramamento do Espírito sobre toda a carne. A promessa é uma amplificação de Números 11.29 e seu cumprimento, como já dissemos, ocorreu no Dia de Pentecostes narrado em Atos 2. A promessa em si é proeminentemente escatológica, embora objetivava "consolar o povo nos dias do profeta. Robinson declara que a promessa "é semelhante à mensagem de Jeremias de 'um concerto novo' (Jr 31.31-34). Ainda que não haja predição do Messias no livro de Joel, como bem observou Horton, o estudo deste livro deve nos levar a Cristo e ao batismo no Espírito Santo. Joel começa a construir a ponte para o Reino da Graça".[6]

Após a promessa do Espírito para **toda a carne**, a profecia descreve os fenômenos pertinentes ao grande evento que Pedro, mais tarde, identificou com o Dia de Pentecostes. Em Números 12.6, **sonhos** e **visões** são as duas formas de revelação profética.

Esta alusão em Joel significa que os **filhos**, as **filhas**, os **velhos** e os **jovens** receberão o Espírito de Deus com os dons divinos.

A promessa é estendida aos **servos** e **servas** (29; escravos e escravas). O evangelho deveria quebrar as correntes da escravidão, conclusão que os intérpretes judeus (a LXX e os fariseus) não conseguiram aceitar.[7]

A promessa do Espírito é o ponto culminante da profecia de Joel: 1) A promessa é universal, 28,29; 2) É uma promessa de um novo concerto, 32; 3) É uma promessa aos que crêem, 32.

O **grande e terrível dia do SENHOR** (31; cf. Ml 4.5) está estreitamente associado com a promessa do Espírito. Os fenômenos mencionados no versículo 31 são descrições figurativas do julgamento no Antigo e Novo Testamento (Is 13.10; Mc 13.24; Ap 6.12). [8]

Pedro e Paulo (Rm 10.13) citam Joel quando aplicam o princípio da salvação pela fé aos homens de todas as gerações: **E há de ser que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo** (32). Há o chamado ao Senhor em face do julgamento e a promessa de libertação para os que se arrependem. A última frase do versículo 32 indica que os **restantes**, os que verdadeiramente crerem, serão salvos. Mesmo nos dias de Joel, a resposta humana em fé torna-se o complemento da eleição divina. Deus elege para a libertação aqueles que invocam o nome do Senhor.[9]

SEÇÃO IV

O DIA DE JEOVÁ

Joel 3.1-21

Alcançamos a parte final da profecia de Joel. A visão se amplia e abrange as experiências mais gerais ligadas ao "dia do Senhor". Nos capítulos 1 e 2, vemos a história profética de Israel; o último capítulo revela o julgamento do Senhor sobre toda a terra, seguido pelo triunfo milenar para Jerusalém e os remidos.

A. O JULGAMENTO DOS INCRÉDULOS, 3.1-17

A expressão **porquanto eis que, naqueles dias e naquele tempo** (1) parece referência direta ao período de restauração de Judá, após voltar do cativeiro na Babilônia. Algumas versões fazem uma tradução mais geral: "Mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém" (ARA; cf. ECA; NVI). De acordo com a maioria dos comentaristas, esta tradução inclui a promessa mais abrangente de restauração final para Israel. Esta interpretação é autenticada pelo ajuntamento de **todas as nações** (2) no **vale de Josafá** ("Jeová julga").[1]

A descrição do julgamento: "os julgarei" (NTLH; NVI; **com elas entrarei em juízo**), não é um quadro do Senhor que julga no sentido hodierno do termo. Deus atua (ou entra em juízo) **por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem eles espalharam entre as nações**. Em defesa de Israel (Joel usa **Israel** e **Judá** intercambiavelmente), Deus julgará as nações que repartiram a **terra**.

O versículo 3 destaca que os inimigos de Israel não mostraram consideração pelos seus cativos, inclusive pelas crianças, as quais venderam em troca de **meretriz** e por **vinho**. Lançar **sorte** refere-se a dividir o espólio em Jerusalém ente os caldeus (Ob 11).

Os versículos 4 a 16 constituem um tratamento direto às nações pagãs. **Todos os termos da Fenícia** (4) e da "Filístia" (cf. ARA) são igualmente culpáveis como **Tiro** e **Sidom**. A pergunta: **É tal o pago que vós me dais?,** provavelmente seja indício da

falsa reivindicação dos inimigos de Israel, que afirmavam que apenas buscavam a justiça. Jeová prontamente "adverte que esta suposta 'recompensa' lhes será cobrada": **Bem depressa farei cair a vossa paga sobre a vossa cabeça.**[2]

Imediatamente Deus apresenta as razões para sua justiça: **Levastes a minha prata e o meu ouro** (5). Esses povos tinham depositado os tesouros de Deus em **templos** pagãos. Ao prosseguir com a acusação de tráfico de escravos, Joel menciona a venda dos **filhos** (pessoas) **de Judá** (6) aos gregos (os jônios). Os versículos 7 e 8 falam sobre o castigo que o Senhor devolverá **sobre a vossa própria cabeça** (7), ou seja, pagar de volta na mesma moeda. O próprio povo que fora despojado (Israel) agora vende os **filhos** e as **filhas** (8) dos seus inimigos para os habitantes de **Seba** ("os sabeus", ARA).[3] O pronunciamento recebe a autenticação divina: **Porque o SENHOR o disse.**

No versículo 9, Joel fala sobre o julgamento dos gentios, abordado primeiramente no versículo 2 (cf. Zc 14.2). O chamado é para que todas as nações se preparem para a batalha e compareçam no **vale de Josafá** (12). Mas, o adversário não é Israel, senão o próprio Deus de Israel: **Porque ali me assentarei, para julgar todas as nações em redor.** É para esta finalidade que o Senhor desafia as nações: **Forjai espadas das vossas enxadas e lanças das vossas foices** (10). Note que esta ordem é precisamente o inverso da promessa messiânica feita mais tarde (cf. Is 2.4; Mq 4.3). Até o **fraco** será chamado para a batalha.

Ajuntai-vos, e vinde (11) repete a intimação para a sentença. "Apressai-vos, e vinde" (ARA; cf, NTLH; NVI) ao vale do julgamento. No versículo 13, o profeta mostra o tempo oportuno do julgamento e serve-se das figuras de colher o trigo maduro e de pisar uvas no lagar cheio. As mesmas figuras são usadas em 2.24 para descrever inversamente a abundância das bênçãos de Deus. Aqui, a colheita madura e os tanques transbordantes indicam o grau de maldade pelo qual as nações serão julgadas.

Multidões (*hamonim*): significa povos ruidosos ou em tumulto. A repetição **multidões, multidões** (14) cumpre a função de sugerir um número elevado de pessoas **no vale da decisão** na espera do iminente julgamento do **dia do SENHOR.**

O versículo 15 repete a lista dos fenômenos da natureza alistados em 2.31, como sinais que acompanham o julgamento. Haverá um escurecimento do **sol**, da **lua** e das **estrelas.** A seguir, o **SENHOR bramará de Sião e dará a sua voz de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão** (16; imagem similar é usada em 2.11; Jr 25.30; Am 1.2).

Mas é só para os inimigos que o Senhor brama **de Sião.** Para o seu povo, é um **refúgio** e **fortaleza.** Deste fato, seu povo aprenderá que Jeová é o seu **Deus** (17), que santifica Jerusalém pela presença divina. É lógico que Joel fala do Armagedom, como o vale de julgamento, e de Jerusalém, como a Sião celestial, que aparecerá no "último dia".

B. O Triunfo para Jerusalém e os Remidos, 3.18-21

Nesta subdivisão, com exceção do versículo 19, o julgamento é colocado de lado e a visão milenar forma a conclusão da profecia. Em fascinante linguagem simbólica, Joel descreve o futuro glorioso do povo de Deus. **Os montes destilarão mosto** (18; "vinho novo", ECA; NVI; cf. Am 9.13). Os rios que normalmente estão secos regarão o **vale de Sitim**[4] – virão da **Casa do SENHOR.**

Parenteticamente, o **Egito** e **Edom** (19; símbolos de todas as nações hostis) são ameaçados de novo com julgamento. Serão devastados **por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá** e devido ao derramamento de sangue inocente (cf. 1 Rs 14.25,26; 2 Rs 23.29; Ob 1-21).

Por outro lado, **Judá será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração** (20). Repetidas vezes, o Egito ou a Assíria tinha cruzado as fronteiras de Judá para resolver suas queixas na busca de poder mundial. Israel fora o campo de batalha de todas as grandes nações. Agora, Jeová prometia paz perpétua em Jerusalém, a "cidade glorificada de Deus".

O versículo final combina bênção e julgamento – os temas da profecia inteira. A tradução: **purificarei o sangue dos que eu não tinha purificado** (21) pode dar idéia errada. Esta versão é mais precisa: "Eu vingarei o sangue do meu povo; não me esquecerei da culpa dos que os maltrataram" (BV; cf. NTLH). [5] A profecia não anuncia mais castigo para o Egito e Edom, "mas [prediz] simplesmente o pensamento com o qual a proclamação é finalizada, qual seja, que a devastação eterna dos reinos do mundo [...] corrigirá todas as injustiças que eles cometeram contra o povo de Deus, e que até aqui permaneceram impunes".[6]

As bênçãos milenares do Senhor que foram registradas em 3.18-21 sugerem: 1) A bênção superabundante de Deus na Natureza, 18; 2) O equilíbrio dos pratos da balança da justiça, 21; 3) A promessa final de segurança **de geração em geração**, 20.

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Joel fala com profundo conhecimento sobre Sião e os filhos de Sião (2.1,23), sobre Judá e Jerusalém. Interessa-se pelo templo (1.13-17). Discorre objetivamente dos sacerdotes, a despeito de 1.13 e 2.17, exceção que leva muitos estudiosos a crer que não pertencia ao sacerdócio.

[2] A. F. Kirkpatrick, *The Doctrine of the Prophets* (Nova York: Macmillan Company, 1897), p. 58.

[3] John A. Thompson, em sua exposição sobre Joel em IB, vol. VI, p. 729, coloca Joel em data posterior a 400 a.C. por causa das condições políticas e religiosas descritas no livro. Esta posição é bastante típica da perspectiva mais liberal.

[4] Gleason L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964), p. 292.

[5] *Ib.*

[6] O Egito ainda seria temido nos dias de Joás. Por outro lado, perdera sua posição mundial depois do período caldaico. Estes fatos eliminariam a possibilidade de uma data posterior a 400 a.C.

[7] Archer, *op. cit.*, p. 292.

[8] Ver 1.15; 2.1,2,11,31; 3.14-21. Para inteirar-se de uma análise abrangente dos ensinos de Joel, ver Frederick Carl Eiselen, *Prophecy and the Prophets* (Nova York: The Methodist Book Concern, 1909), pp. 286-292.

[9] Ver 1.9,13,14; 2.12-17.

[10] Cf. 2.12,13.

[11] John A. Thompson, "Joel" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et at.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 735.

SEÇÃO I

[1] William Neil, "Joel", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.* (Nova York: Abingdon Press, 1962), p. 926.

[2] A. C. Gaebelein, *The Prophet Joel* (Nova York: Publication Office, *Our Hope*, 1909), pp. 31ss.

[3] Cf. "Joel", IB, vol. VI, p. 737.

[4] George L. Robinson, *The Twelve Minor Prophets* (Nova York: George H. Doran & Company, 1926), pp. 34ss.

[5] C. F. Keil e Franz Delitzsch, "The Twelve Minor Prophets", *Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954, reimpressão), p. 184.

[6] *Ib.*, p. 186.

[7] Cf. 2.1; 3.14; Amós 5.18,20; ver tb. Ezequiel 30.2,3; Sofonias 1.7,14.

[8] Raymond Calkins, *The Modem Message of the Minor Prophets* (Nova York: Harper & Brothers, 1947), p. 158. Joel provavelmente partilhava a idéia de que todo tipo de calamidade era prova de pecado.

[9] John Paterson, *The Goodly Fellowship of the Prophets* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948), p. 259.

[10] Joel fala, com toda probabilidade, de ofertas de paz (Dt 12.6,7); das primícias (Dt 26.10); da Festa das Semanas (Dt 16.10); e da Festa dos Tabernáculos (Dt 16.13-15).

[11] A Palestina é uma terra árida e seca. Os rios e córregos secam na ausência de chuva. Uma seca severa só aumentava o problema.

[12] Robinson, *op. cit.*, p. 38.

[13] *Ib.*

[14] Em alemão, os gafanhotos são chamados *heupferde*, cavalos de feno. No v. 4, sua aparência é comparada, não aos cavaleiros, mas ao avanço de cavalos e como cavalos de guerra.

[15] "Todos os rostos recolheram o seu rubor" (Keil, p. 192), no sentido de que o rosto ficou branco de terror (Jr 30.6).

[16] "Joel", IB, vol. VI, p. 745.

SEÇÃO II

[1] *Ib.*, cf. Êxodo 34.6; Jonas 4.2.

SEÇÃO III

[1] Keil, *op. cit.*, p. 201; "Joel", IB, vol. VI, p. 749. De acordo com esta interpretação, Deus dirigirá os gafanhotos para **uma terra seca e deserta** (20) e **para o mar oriental** (o mar Morto). A **sua retaguarda para o mar ocidental** fala do mar Mediterrâneo, cujas águas lançaram à praia montões de gafanhotos mortos, o que ocasionou **mau cheiro**. Os vv. 21-23 atingem um clímax quando a terra, os animais e o povo são abençoados com a promessa de chuva abundante, **a temporã e a serôdia** (23).

[2] Archer, *op. cit.*, p. 294, afirma que o invasor é Senaqueribe. Charles John Ellicott, *Old Testament Commentary* (Londres: Cassell & Company, 1897), p. 442.

[3] *Ib.*

[4] A chuva **temporã** indica as primeiras chuvas após o verão (chuvas de outono, BV; NVI); elas amolecem a terra e preparam o solo para a semeadura. A chuva **serôdia** (chuvas de primavera, BV; NVI) rega a semente. O intervalo entre as duas chuvas dá tempo para o fazendeiro plantar (ver James Hastings, *Dictionary of the Bible*, vol. II [Nova York: Charles Scribner's Sons, 1909], p. 782).

A Versão Caldaica e a Vulgata Latina traduzem a palavra hebraica *moreh* por "ensinador". Keil tem uma explicação completa em defesa dessa posição (*op. cit.*, p. 205). Se esta tradução for aceita, a expressão **ensinador de justiça** indica o advento do Messias (Ellicott, p. 433).

[5] "Ao levar em conta o cumprimento do Novo Testamento, a predição de Joel de iluminação espiritual a todo o povo de Deus é, quiçá, sua maior contribuição religiosa" ("Joel", IB, vol. VI, p. 753).

[6] Robinson, *op. cit.*, p. 45.

[7] Keil, *op. cit.*, p. 211.

[8] O **fogo** (30) e o **sangue** (31) lembram as pragas do Egito (Êx 7.17; 9.24). As **colunas de fumaça** relembram a descida de Jeová no monte Sinai com a fumaça do monte que sube aos céus (Êx 19.18). O escurecimento do **sol** e a aparência vermelho-vivo da **lua** também recordam as pragas do Egito (Êx 10.21).

[9] O pleno uso da profecia acha-se no sermão de Pedro, registrado em Atos 2.17-21, onde o apóstolo cita Joel 2.28-32, com exceção de 32b. A referência em Atos 2.39: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe e a tantos quantos Deus, nosso

Senhor, chamar", é substituição apropriada do v. 32b, com acréscimos. O cumprimento da profecia de Joel começou no Dia de Pentecostes e continua ao longo da atual dispensação a tantos quantos invocam o Senhor.

SEÇÃO IV

[1] O vale de Josafá é, provavelmente, o vale de Cedrom situado no lado oriental de Jerusalém (ver Keil, p. 220, para inteirar-se de explicação completa). Aqui, o termo é usado no significado gramatical, como cenário do julgamento de Deus, e não no significado geográfico estrito.

[2] "Joel", IB, vol. VI, p. 755.

[3] **Os de Seba**, ou os sabeus, eram famosos traficantes de escravos. A filosofia "olho por olho" só pode ser entendida sob a luz da revelação progressiva. Esta é outra indicação da antiguidade do livro de Joel.

[4] O vale de Acácia, que se situava acima do mar Morto junto ao rio Jordão, era em geral seco.

[5] Esta passagem não ensina necessariamente a renovação terrena ou a glorificação da cidade de Jerusalém; pois Sião é a cidade "santificada" e "glorificada" de Deus, na qual o Senhor se unirá eternamente com a igreja remida, santificada e glorificada (ver *The Pulpit Commentary*, "Hosea and Joel", p. 53).

[6] Keil, *op. cit.*, p. 232.

Comentário Bíblico Beacon

5

Oséias a Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8
9 788526 306899